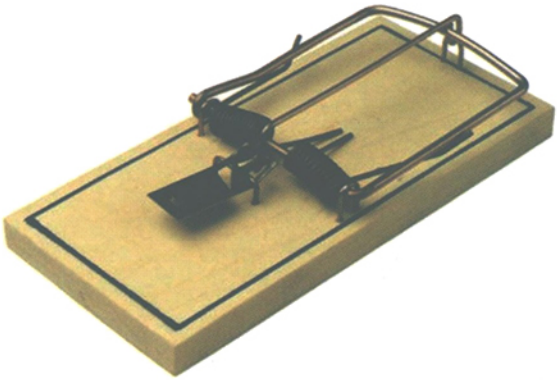
OS PERIGOS DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA



D. A. CARSON

VIDA NOVA

Conteúdo

Lista de Abreviaturas 7
Prefácio à Edição em Português 9
Prefácio do Autor 11
Introdução 13
1. Falácias Vocabulares 25
2. Falácias Gramaticais 63
3. Falácias Lógicas 85
4. Falácias Históricas e de Pressupostos 117
5. Reflexões Finais 127
Índice de Assuntos 133
Índice de Autores 137
Índice de Passagens Bíblicas 141

Lista de Abreviaturas

Bauer	W. Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament,* trad. de F. W. Arndt e F. W. Gingrich (1957); ed. rev., trad. de F. W. Gingrich e F. W. Danker (1979)
Bib	*Biblica*
BS	*Bibliotheca Sacra*
CanJTh	*Canadian Journal of Theology*
CBQ	*Catholic Biblical Quarterly*
CT	*Christianity Today*
JBL	*Journal of Biblical Literature*
JETS	*Journal of the Evangelical Theological Society*
JTS	*Journal of Theological Studies*
LSJ	H. G. Liddell, R. Scott, H. S. Jones, *Greek-English Lexicon* (9ª ed., 1940)
LXX	Septuaginta
KJV	King James Version
NEB	New English Bible
NIV	New International Version
NovTest	*Novum Testamentum*
NTS	*New Testament Studies*
RestQ	*Restoration Quarterly*
SJT	*Scottish Journal of Theology*
TB	*Tyndale Bulletin*
TSF Bull	*TSF Bulletin*
WTJ	*Westminster Theological Journal*

Prefácio à Edição em Português

"Falácia" é sinônimo de erro, embora seja uma palavra mais erudita, mais suave, menos chocante ou negativa. O fato de sermos humanos implica em errarmos, mas ninguém considera uma virtude a permanência neste caminho errado, mesmo quando a maioria anda por esta estrada larga. O professor Carson escreveu esta obra que nos mostra as falhas que nos fazem sair da pista, tais como estudos e palavras que "provam" bem mais do que as evidências permitem. Há falácias gramaticais e lógicas, bem como pressuposições que desviam da verdade. Para quem está incumbido de falar em nome de Deus é muito importante descobrir as ilusões que ofuscam a visão da Palavra eterna. Erros interpretativos e exegéticos ocorrem muito em púlpitos, livros e artigos, sem mencionar as opiniões corriqueiras dos cristãos. O professor Carson revela muita perspicácia na orientação de estudiosos sérios da Bíblia.

O Dr. D. A. Carson recebeu seu Ph. D. pela Universidade de Cambridge (Inglaterra) e atualmente é professor de Novo Testamento na *Trinity Evangelical Divinity School*, perto de Chicago, nos Estados Unidos. Destaca-se mundialmente entre os mestres evangélicos de mais alto nível. Nos últimos anos, escreveu ou editou quinze livros, incluindo um comentário sobre o Evangelho de João entre os mais importantes. Exerce a liderança da Comissão Teológica da *World Evangelical Fellowship* ("Aliança Evangélica Mundial") já há dez anos. Além de seus consideráveis talentos, há outro que nos interessa. Ele

sabe escrever sem confundir o leitor com frases complicadas e palavras desconhecidas. Aquilo que o Dr. Carson tem para nos dizer seguramente alegraria o coração do apóstolo Paulo, que recomendou a Timóteo: "Procura apresentar-te a Deus aprovado como obreiro... que maneja bem a palavra da verdade".

Russell P. Shedd, Ph. D.

Prefácio do Autor

Grande parte do conteúdo deste livro foi inicialmente apresentada na "Spring Lectureship" ("Conferência de Primavera") organizada pelo "Western Conservative Baptist Seminary" em Portland, Oregon (EUA), em 1983. É um prazer registrar aqui meus agradecimentos a James DeYoung, presidente do Comitê da Conferência, não só por seu convite, mas também por sua eficiente organização e imensa cortesia. Agradeço também aos membros do corpo docente e aos alunos, que não mediram esforços para que eu me sentisse à vontade.

Certos trechos destas páginas ainda conservam traços de sua composição em forma de palestra, embora as notas, evidentemente, não façam parte do original. Há muito mais exemplos extraídos do Novo Testamento do que do Antigo, não só porque isso reflete minha relativa perícia, mas principalmente porque muitos desses exemplos foram selecionados dentre o material usado em sala de aula durante os anos em que ensinei aos alunos uma exegese responsável do Novo Testamento. Embora minha leitura da erudição sobre o Antigo Testamento certifique-me de que exemplos semelhantes não são menos freqüentes naquele *corpus*, decidi manter os limites originais do livro, evitando que eles fossem ultrapassados.

Algumas pessoas que ouviram ou leram este material, ou parte dele, às vezes criticaram-me por ter sido injusto com seus pontos de vista preferidos sobre alguma questão teológica ou exegética. Procurei ouvir essas críticas e fazer mudanças onde necessário. Arrisco-me a observar, porém, que aproximadamente a mesma proporção de batistas e de adeptos do batismo infantil, de calvinistas e de arminianos,

entre outros, fizeram sugestões e objeções; portanto, talvez o equilíbrio não esteja tão longe. Gostaria apenas de insistir enfaticamente que não tentei usar estas páginas como uma "caixa de ressonância" através da qual pudesse dar vazão a meus preconceitos pessoais. Sem dúvida, de alguma forma devo ter falhado, mas os leitores que se sentirem por demais ofendidos, ao descobrirem exatamente onde prejudiquei suas interpretações preferidas, talvez devam se perguntar, para seu próprio bem, até que ponto seus preconceitos individuais influenciaram suas avaliações.

Minha secretária, Marty Irwin, datilografou o manuscrito em um espaço de tempo extremamente curto e sob considerável pressão; sou profundamente grato por sua eficiência e entusiasmo. Mark Reasoner foi de valioso auxílio em dois dos índices.

Soli Deo gloria.

Introdução

Enfocar falácias, exegéticas ou de qualquer outro tipo, parece um pouco enfocar o pecado: as partes culpadas talvez fiquem ressentidas e detenham-se de maneira apenas breve para examinar seus erros, sem que haja algo intrinsecamente redentor nessa atitude. Contudo, quando os pecados são comuns e (mais ainda) com freqüência não são reconhecidos pelos que os cometem, uma descrição detalhada pode ter o efeito salutar de não só estimular uma auto-avaliação reflexiva, mas também de dar incentivo para que um caminho melhor seja seguido. Ao falar sobre o que não deve ser feito na exegese, espero que todos nós possamos desejar mais intensamente interpretar a Palavra de Deus de maneira correta. Se coloco em evidência um ponto negativo, é no ensejo de que com isso vocês possam aproveitar melhor os ensinamentos positivos que recebem de textos e conferencistas.

Antes de prosseguir efetivamente em meu estudo, quero evitar questões que possam nos incomodar mais tarde; assim, logo de início exponho a importância deste trabalho e os riscos inerentes a ele, reconhecendo abertamente as muitas limitações por mim adotadas.

A importância deste estudo

Este estudo é importante porque, infelizmente, as falácias exegéticas são freqüentes entre nós, cuja graça e responsabilidade recebidas de Deus são a fiel proclamação de Sua Palavra. Se alguém cometer um erro na interpretação de uma das peças de Shakespeare ou

escandir incorretamente um verso spenseriano, é improvável que isso acarrete conseqüências eternas. Mas não podemos aceitar facilmente uma complacência semelhante na interpretação das Escrituras. Estamos lidando com os pensamentos de Deus; somos obrigados a nos esforçar ao máximo para entendê-los verdadeiramente e explicá-los com clareza. Assim, é revoltante demais encontrar no púlpito evangélico, onde as Escrituras são oficialmente reverenciadas, uma constante e imperdoável negligência ao abordá-las. Todos nós, claro, cometemos falhas exegéticas: estou penosamente consciente de alguns de meus próprios erros, trazidos a meu conhecimento com o decorrer dos anos, mediante leituras mais amplas e por colegas atentos que me consideram o bastante para me corrigir. Mas a situação é trágica quando o pregador ou professor está continuamente inconsciente do absurdo espalhafatoso que profere e do conseqüente mal que inflige à igreja de Deus. Não basta, porém, denunciar outros grupos cujas habilidades são inferiores às nossas; devemos começar tirando a trave de nosso próprio olho.

A essência de toda crítica, no melhor sentido dessa palavra tão mal usada, é a justificação de opiniões. Uma interpretação crítica das Escrituras é aquela que possui justificação adequada — lexical, gramatical, cultural, teológica, histórica, geográfica ou de qualquer outro tipo.[1] Em outras palavras, exegese crítica neste sentido é aquela que dá boas razões para as escolhas que faz e as posições que adota. A exegese crítica é contrária a opiniões simplesmente pessoais, reivindicações de autoridades ilegítimas (do intérprete ou de qualquer outra pessoa), interpretações arbitrárias e pontos de vista especulativos. Isto não significa negar que os assuntos espirituais são espiritualmente discernidos ou argumentar que a piedade é irrelevante; antes, significa que nem mesmo a piedade e o dom do Espírito Santo garantem interpretações infalíveis. Quando dois eruditos igualmente piedosos surgem com interpretações mutuamente incompatíveis de um texto, deve ser óbvio até para o mais espiritual, e talvez também para muitos dos que não são adeptos das piores formas de polissemia (a respeito das quais falarei um pouco mais tarde), que

1. Refiro-me aqui ao uso do termo *crítica* feito por Bernard Ramm em *Protestant Biblical Interpretation: A Handbook of Hermeneutics for Conservative Protestants*, 2ª ed. (Boston: Wilde, 1956), 101-103. Esta parte não foi incluída na terceira edição.

ambos os estudiosos não podem estar certos.[2] Se tais intérpretes não são somente piedosos, mas também maduros, talvez possamos esperar que eles examinem as razões pelas quais chegaram a conclusões diferentes. Em uma análise cuidadosa, cortês e honesta, eles podem chegar a uma decisão sobre os argumentos interpretativos conflitantes. Talvez um esteja certo e o outro errado; talvez, até certo ponto, ambos estejam certos e errados, precisando mudar suas respectivas posições; ou talvez os dois intérpretes sejam incapazes de identificar precisamente as razões pelas quais discordam e, portanto, não consigam captar o problema exegético ou hermenêutico e resolvê-lo. Não importa: a nosso ver, o importante é que esses dois intérpretes estejam envolvidos em exegese crítica, uma exegese que dê, ou tente dar, justificativas adequadas para todas as conclusões alcançadas e posições assumidas.

Contudo, se a exegese crítica oferece razões bem fundamentadas, ela deve aprender a rejeitar justificativas infundadas. Eis porque este estudo é importante. Expondo nossas falácias exegéticas, poderemos nos tornar melhores profissionais da exegese crítica.

Uma abordagem cuidadosa da Bíblia capacitar-nos-á a "ouvi-la" um pouco melhor. É fácil demais aplicarmos ao texto bíblico as interpretações tradicionais que recebemos de terceiros. Então, podemos involuntariamente transferir a autoridade das Escrituras para nossas interpretações tradicionais, investindo-as de um falso e até idólatra grau de certeza. Como as tradições são remodeladas à medida

2. Às vezes, um ponto obscuro mais notável faz com que as pessoas não se dêem conta deste fato. Há quase vinte anos, eu estava em um carro com um colega cristão que me contou o que o Senhor havia *dito* a ele naquela manhã durante sua hora silenciosa. Ele tinha estado lendo o Evangelho de Mateus na versão em inglês King James (KJV). Percebi que não só ele havia compreendido mal o inglês arcaico, como também a KJV havia involuntariamente deturpado o texto grego. Com delicadeza, sugeri que talvez pudesse haver outro modo de interpretar a passagem e, em poucas palavras, resumi minhas idéias sobre o trecho em questão. O irmão rejeitou meu ponto de vista como sendo inadmissível, pois o Espírito Santo, que não mente, havia-lhe dito a verdade sobre aquele assunto. Sendo jovem e audacioso, insisti em minha explicação de gramática, contexto e tradução, mas fui refutado com uma referência a 1 Coríntios 2.10b-15 — coisas espirituais devem ser discernidas espiritualmente — e isso deixou poucas dúvidas sobre minha posição. Sinceramente intrigado, perguntei ao irmão o que ele diria se eu apresentasse minha explicação não em termos gramaticais e textuais, mas argumentando que fora o próprio Senhor a me transmitir tal interpretação. Ele ficou quieto por um bom tempo, e então concluiu: "Acho que isso quer dizer que o Espírito diz que a Bíblia significa coisas diferentes para pessoas diferentes."

que são ultrapassadas, depois de algum tempo poderemos estar afastados da Palavra de Deus, mas ainda assim insistindo em que todas nossas opiniões teológicas são bíblicas e, portanto, verdadeiras. Quando isso acontece, se estudarmos a Bíblia de uma forma que não seja crítica, é mais do que provável que iremos simplesmente reforçar nossos erros. Se a Bíblia deve cumprir sua obra de reforma contínua — reforma de nossas vidas e de nossa doutrina — devemos fazer tudo o que pudermos para ouvi-la novamente e utilizar os melhores recursos que se encontram à nossa disposição.

A importância deste tipo de estudo não pode ser superestimada se pretendemos alcançar unanimidade nas questões de interpretação que ainda nos dividem. Dirijo-me àqueles que têm uma visão superior das Escrituras: é muito angustiante perceber quantas diferenças existem entre nós com relação ao que a Bíblia realmente diz. As verdades supremas e unificadoras logicamente não devem ser minimizadas; mas o fato é que, em meio aos que crêem que os sessenta e seis livros canônicos são nada menos que a Palavra de Deus escrita, há uma incômoda lista de opiniões teológicas mutuamente incompatíveis. Robert K. Johnston tem razão, ao escrever o seguinte:

> [O fato de] os evangélicos, todos reivindicando uma norma bíblica, chegarem a formulações teológicas contraditórias em muitas das principais questões abordadas sugere a natureza problemática de sua atual concepção de interpretação teológica. Argumentar que a Bíblia tem autoridade, mas ser incapaz de chegar a algum tipo de acordo sobre o que ela diz (mesmo com aqueles que compartilham do mesmo compromisso evangélico) é auto-frustrante.[3]

Isto talvez não esteja muito bem colocado: a "auto-frustração" a que Johnston se refere pode ser hermenêutica e exegética; não está necessariamente relacionada à autoridade bíblica. Mas ele realmente nos ajuda a enfrentar uma confusão embaraçosa.

Por que será que, entre aqueles que têm conceitos elevados acerca da autoridade das Escrituras, há alguns que acham que línguas são o sinal definitivo do batismo do Espírito, outros que acreditam que o dom de línguas é opcional e outros ainda que pensam que isso não existe mais como dom genuíno? Por que algumas pessoas defendem uma abordagem dispensacionalista das Escrituras, enquanto outras se

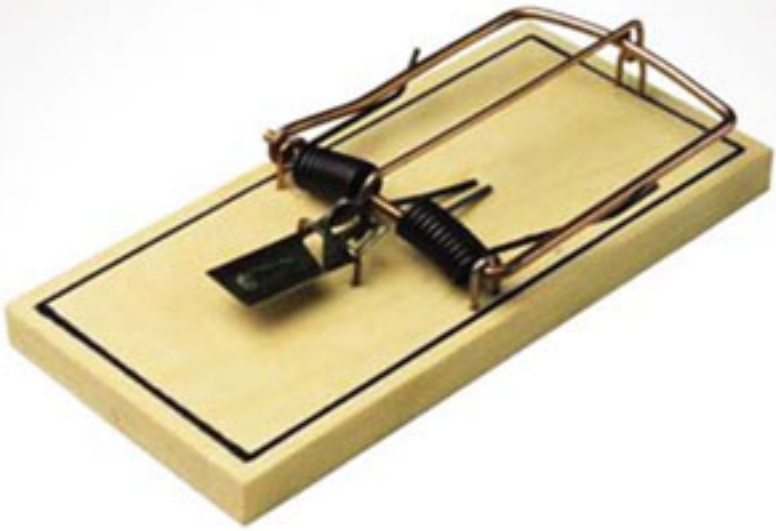
3. Robert K. Johnston, *Evangelicals at an Impasse: Biblical Authority in Practice* (Atlanta: John Knox, 1979), vii-viii.

consideram "teólogos da aliança"? Por que existem vários tipos de calvinistas e arminianos, batistas e adeptos do batismo infantil? Por que alguns defendem resolutamente uma forma presbiteriana de organização da igreja, outros são a favor de algum tipo de congregacionalismo e outros ainda desejam a estrutura hierárquica dos três ofícios, que predominou no Ocidente por quase um milênio e meio a partir da época dos pais pós-apostólicos? Posso perguntar qual é o significado da Santa Ceia? Ou por que existe tal superabundância de opiniões com relação à escatologia?

Por um lado, claro, os motivos nem sempre são racionais ou podem ser corrigidos apenas com maior rigor exegético. Muitos professores e pregadores bíblicos locais nunca foram obrigados a confrontar de maneira profunda as interpretações alternativas. Se deixassem vir à tona suas indagações, surgidas a partir de uma leitura particular das Escrituras, eles perderiam uma certa segurança psicológica; assim, dificilmente descartam as visões tradicionais recebidas. Mas não me refiro aqui a tais pessoas. Para o propósito desta discussão, restrinjo-me aos mais instruídos, maduros, bem treinados e líderes devotos de cada posição: por que eles não podem avançar em direção a uma unanimidade maior em todos os tipos de frentes doutrinárias?

Superficialmente, é óbvio que pode haver vários obstáculos de natureza apenas prática para serem transpostos. Os líderes talvez achem que não têm tempo para se envolver em um tipo de discussão de qualidade que possa romper barreiras. Talvez muitos deles acreditem que seu colega está tão obstinado em seu próprio método que haveria pouca vantagem em se tentar um diálogo nesse sentido — e ao mesmo tempo têm absoluta certeza de que toda a iniciativa, ou pelo menos grande parte dela, deveria partir dos opositores, os quais teriam de admitir seus erros e assumir a posição verdadeira! Outros talvez se sintam muito inseguros quanto às suas convicções e não ousam debatê-las. Contudo, se pudéssemos remover todos esses tipos de obstáculos, então as causas mais cruciais de divisão doutrinária entre esses líderes hipotéticos — que agora estão reunidos (em nossa imaginação) para humildes e minuciosas discussões, em um esforço para abolir suas divergências — seriam apenas diferenças de opinião quanto ao verdadeiro sentido desta ou daquela passagem ou quanto à relação entre este e aquele trecho.

A princípio, evidentemente, é possível que uma discussão aberta e extensa não consiga mais do que expor a natureza das diferenças ou mostrar como elas estão entrelaçadas com questões mais amplas. No



Muitas vezes, ao buscar o sentido dos textos bíblicos, intérpretes lançam mão de soluções hermenêuticas atraentes, supostamente requintadas e verossímeis, mas que no final se revelam solapadas por falácias ou sofismas que constituem perigosas armadilhas no caminho que conduz à correta compreensão do texto, podendo causar o desastre hermenêutico.

Tais armadilhas são denunciadas e desarmadas com perícia e segurança pelo autor. São armadilhas vocabulares, gramaticais, lógicas, históricas e de pressupostos, que, se conhecidas e evitadas, permitem que o trabalho de interpretação seja realizado com muito mais qualidade e bem menos riscos.

DONALD A. CARSON (Ph.D. em Novo Testamento pela Universidade de Cambridge) é professor de Novo Testamento, conferencista internacional e autor de dezenas de obras teológicas sofisticadas e de refinada erudição.

ISBN 85-275-0055-8
9 798527 500554

VIDA NOVA